



casadesarmiento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MATERIAIS PARA A ARQUEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1896 | Número: 13

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 13 (1) Jan.-Mar. 1896, p. 5-18.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

MATERIAES

PARA A

ARCHEOLOGIA DO CONCELHO DE GUIMARÃES

(Continuado do volume v, pag. 121)

Guimarães e freguezias circumvisinhas

O padre Torquato Peixoto de Azevedo, que no ultimo quartel do seculo xvii forrageou por onde pôde ¹, para descobrir as origens da sua e nossa terra, não duvidava entroncal-a n'uma cidade, edificada no anno 339 a. C. pelos Turdetanos, que eram Gallos-Celtas, diz elle, e teria tido o nome de Araduca, nome glorioso, pois significava «logar de letras» ².

Não ha remedio senão confessar que tudo isto e o muito mais que se conta da Guimarães ante-historica não passa d'um acervo de patranhas, forjadas pelos adeptos de Annio de Viterbo, e que o nosso patricio reproduziu de certo com a melhor boa fé. Ptolemeu conhece uma Araduca, senão duas, mas com certeza nenhuma d'ellas ficava nas faldas da Penha; ninguem sabe dizer, cuido eu, em que lingua Araduca signifie lugar de letras ³; os Turdetanos eram tão Celtas, que viviam na Hispanha muitos seculos antes de cá entrar aquella gente, da qual os celtistas nos querem fazer descender á fina força; o nome de Gallos-Celtas é soffrivelmente hybridado; em-

¹ Além d'outros, que não vale a pena mencionar.

² Vid. *Memorias resuscitadas da antiga Guimarães*.

³ Segundo um auctor, citado por Torquato, escusavamos de saber do «nosso idioma», para decifrar o enigma. Ficam assim dois enigmas, em vez d'um.

fim, pela data da fundação de Araduca no anno preciso de 339 e por muitas outras impavidamente fixadas para a fundação d'um grande numero das nossas cidades e villas, pôde medir-se bem a semceremonia, por euphemismo, com que os Annios & C.^a abusavam da credulidade dos seus leitores. É ainda hoje ponto de duvida em que anno nasceu Affonso Henriques. Pois a historia e a chronologia dos Gallos-Celtas é isto que se está vendo.

Não tenho escrupulo em affirmar que a primeira coisa a fazer, para estudar a Guimarães pre-romana e romanizada, é esquecer tudo quanto anda escripto a tal respeito e começar obra nova, inquirendo as tradições e os monumentos.

Infelizmente os monumentos e tradições são em muito pequeno numero e muito obscuros, a julgar pela minha experiencia. Das tradições populares só conheço as seguintes: As pedras das muralhas da villa ¹ foram acarretadas á cabeça das mouras, que nem assim deixavam de fiar nas suas rócas. Salvo o nome de mouras, lendas d'esta especie estão espalhadas por uma grande parte da Europa, e aqui, como se vê, é tão absurdamente applicada, como no transporte da Pedra Formosa do alto da Cítania para o adro de Santo Estevão de Briteiros, que tambem teria sido trazida á cabeça d'uma moura fiandeira, e isto ha pouco mais d'um seculo.

No Paço, onde está hoje o quartel militar, ha um thesouro encantado e perto d'elle uma cabra «pintada» (gravada). Cabras, gatos e outros animaes «pintados» estão muitas vezes associados com velharias pre-romanas; mas será escusado dizer que a cabra dos quarteis não existe. É outra tradição applicada á tóa.

Emfim n'uma grande lage, proxima ás muralhas do Castello, no angulo sudeste, ainda hoje se vêem as pias, aonde os mouros traziam os cavallos a beber. As pias são cavidades naturaes; mas aqui está ao menos uma lenda com a sua peça

¹ Ainda hoje nas freguezias visinhas ninguem dá a Guimarães senão o titulo de villa, quer falle em prosa, quer em verso. Em verso:

Oh! Villa de Guimarães,
Quatro villas ó redôr,
Villa Pouca, Villa Verde,
Villa Nova, Villa Flôr.

justificativa. Por infelicidade, no môrro do Castello, onde não assentaria mal um castro, se se encontram alguns fragmentos de telha romana, podem-se contar pelos dedos, quando taes reliquias deviam apparecer em barda, como apparecem nas antigas povoações, que tiveram o destino da supposta Araduca. Se pois no môrro do Castello, que talvez nem toda a gente saiba que se chama Falperra, houve nos antigos tempos uma povoação murada, devia ser muito insignificante, em que peze á nossa vaidade.

Agora d'uma população dispersa em volta do problematico castro, e mesmo muito perto d'elle, ha provas materiaes mais que sufficientes. Em todas as que podémos colligir nota-se claramente a influencia da cultura romana e obscuramente a civilisação que a precedeu; mas não faltariam provas d'outra ordem para mostrarmos que estes sitios já eram habitados muito antes do fatidico anno de 339, e provavelmente por povos proximos parentes dos Turdetanos, mas sem mistura alguma com a familia celtica. Esta questão não é porém para aqui. Circumscrever-nos-hemos ao terreno archeologico, e começaremos a nossa tarefa pela parte baixa da cidade, junta em certo tempo á « villa velha » pela circumvallação das muralhas.

Aqui estaria em primeira linha o templo de Ceres na actual praça de S. Thiago, se a sua existencia estivesse fundada em boas provas. De tudo porém quanto anda escripto a tal respeito apenas se prova a existencia da seguinte legenda: o apostolo S. Thiago, vindo á nossa terra e encontrando um templo de Ceres, christianisou-o pelo facto de converter a estatua da deusa na imagem da Virgem, conhecida mais tarde com o titulo de Senhora da Oliveira. D'estes successos dava testemunho um *letreiro gothico* encontrado na antiga igreja de S. Thiago e em que se lia: « *In hoc simulaculo Ceres (sic) Jacobus filius Zebedæi, germanus Joannis Imaginem Sanctæ Mariæ III Sæcis X* »¹. Á entrada dos barbaros na Hispanha, e exactamente no anno de 417, o bispo Pancraccio, bracarense, mandou esconder a imagem n'um sitio atraz da rua das Olivei-

¹ *Memorias*, pag. 195. As ultimas tres palavras devem vir d'uma má leitura do original e não sabemos como possam ser corrigidas. O unico manuscrito que conheço, pertencente ao meu amigo Antonio Coelho da Motta Prego, e a que recorri para estudar a difficuldade, está incompleto e não chega mesmo ao capitulo, em que se trata do nosso texto.

ras (entre o Castello e o Cano de cima) e mais tarde, não se diz em que tempo, a estatua foi desenterrada e reconduzida ao seu primitivo logar.

Todos estes factos estão muito bem encadeados, mas não é difficil mostrar que só os dois ultimos — o apparecimento da estatua e a sua collocação na igreja de S. Thiago — têm um character historico; os outros pertencem evidentemente ao mundo imaginario. A vinda do apostolo a Guimarães e os feitos que se lhe attribue estão mesmo tanto na plana da historia das mouras acarretando pedras para os muros da villa, que se diriam sahidos da mesma escóla phantasia. Ainda assim, se a velha igreja de S. Thiago fosse um templo pagão, como parece ter acreditado Torquato, poderia duvidar-se se a noticia de ter sido n'ella venerada a estatua, apparecida na rua das Oliveiras, derivava d'uma tradição historica; mas Gaspar Estaço ainda viu a igreja, bem que já ameaçando ruina, e fallanos da sua torre ou campanario. Ora é bem sabido que os templos pagãos não tinham campanarios e que os christãos só começaram a tel-os a datar do seculo vi, segundo affirmam os competentes¹. Assim a igreja de S. Thiago tinha sido construida depois do seculo vi; e, como um bispo do seculo v não podia mandar retirar uma estatua do altar d'uma igreja, edificada um seculo pelo menos depois da sua morte, vê-se que o papel, distribuido na legenda ao bispo Pancraccio, é outra phantasia dos novellistas.

O que ha de historico na legenda, repetimos, é o apparecimento da estatua n'um sitio proximo da rua das Oliveiras e a sua collocação na igreja de S. Thiago; e, no nosso entender,

¹ Póde vêr-se, por exemplo, Martigny, *Dic. des antiquités chretiennes*, s. v. *Cloches*. Dos restos da velha igreja apenas chegaram até nós dois capiteis de columnas e uma esculptura, que tem dado que entender aos antiquarios. Estão hoje no museu da Sociedade. A fórma dos capiteis é já uma prova de que estamos longe da architectura romana pura; a esculptura, essa diz-nos então que estamos n'uma época pouco menos de barbara. Bastará notar que o artista, querendo representar a figura d'um Paganini do tempo (interpretação do mallogrado Soares dos Reis) nos deu uma caricatura, que tem sido confundida com dois peixes, vendo-se n'elles um dos primitivos symbolos do christianismo e perguntando-se em vista d'isso se a igreja de S. Thiago não remontaria effectivamente aos começos da religião nova.

o que nos parece claro (não sahindo dos dominios da boa fé) é que o irresistivel desejo de explicar o primeiro facto suscitou aos eruditos do tempo algumas conjecturas, as quaes envelhecendo foram tomando o ar de tradições historicas. Porque n'um concilio bracarense se lê que o bispo Pancraccio ordenou que as imagens e corpos dos santos fossem postos a salvo das profanações dos barbaros, conjecturou-se primeiro e deu-se por assente em seguida que fôra elle quem mandou enterrar a estatua da rua das Oliveiras; porque era vulgar a lenda relativa á vinda de S. Thiago á Hispanha e ao altar que elle levantára á Virgem, e como havia na praça uma antiga igreja da invocação do apostolo, aventuron-se a idéa de que elle faria em Guimarães o mesmo que fez n'outras partes da península, e a idéa foi tão bem aceite, que a vemos formulada n'uma inscripção gothica.

E é digno de especial menção que Estação, que era conego da Collegiada de Guimarães, e não podia ignorar todas as credices, que Torquato colligiu depois d'elle, nem sequer allude á vinda de S. Thiago á nossa terra, nem ao templo de Ceres ¹, nem ao letreiro gothico ², supposto mais de uma vez venha a talho de fouce mencionar todas estas coisas. O seu si-

¹ Não repugnava ainda assim ao auctor das *Varias antiguidades de Portugal* que a igreja de S. Thiago fosse fundada «em tẽpo dos Romanos, ou do mesmo S. Damaso» (pag. 61-62), pela estranha razão de ter sido n'ella encontrada uma medalha muito bem cunhada «que parece ser feita em tẽpo dos Romanos, em que a arte da escultura estava naquella perfeiçam». O peor é que esta perfeiço da esculptura não correspondia á da igreja, como se viu na nota antecedente.

² O letreiro gothico deve fazer scismar os pessimistas. A christianisação d'uma estatua idolatrica não é caso singular, nem mesmo raro. O que porém é mais que singular e raro é vêr factos d'esta ordem consignados n'uma inscripção. Por outro lado parece que se não teve aqui tanto em vista certificar-nos de que a estatua era um idolo de Ceres, como fundamentar a lenda de que foi S. Thiago que a fez (*santa Maria la antiga que fizo Santiago* — diria um documento do seculo xiv, *Memorias*, pag. 197); ou, o que vale quasi o mesmo, que a imagem de Santa Maria pertencia de direito á igreja de S. Thiago. Ora entre esta igreja e a da Collegiada houve renhidas questões, e o certo é que a imagem passou para a Collegiada. O que podem suppôr os pessimistas é facil de imaginar.

lencio o menos que prova, a nosso juizo, é que se riu d'ellas, sem as querer atacar de frente.

Em conclusão, se a estatua desenterrada na rua das Oliveiras era realmente um idolo de Ceres, não podemos duvidar de que esta deusa teve entre nós um culto; mas as fabulas, a que se apegavam os que pretendiam fazer vir a sua estatua d'um templo, que lhe fôra consagrado na praça de S. Thiago, provam á evidencia que nada se sabia a respeito da sua procedencia; e n'este caso é muito mais razoavel admittir que a capella ou ediculo da deusa esteve nas proximidades do local, onde a sua estatua foi encontrada, do que n'outra parte.

Se a celebre oliveira da Praça Maior¹ fosse a sobrevivencia d'uma arvore, consagrada a uma divindade pagã, como alguns têm imaginado, a nossa hypothese precisava de defender-se contra esta objecção; mas o *Livro dos Milagres* e todas as tradições encarregam-se de responder por nós. A oliveira da Praça Maior só se tornou celebre no tempo de Affonso iv, depois do milagre operado pela virtude da cruz da Normandia, abrigada pelo Padrão; e não foi d'ella que « Santa Maria antiga » tirou o nome popular de Senhora da Oliveira, senão das oliveiras que cercavam o sitio do seu escondrijo. Em troca do nome que d'alli trouxe, diz o *Livro dos Milagres*, deixou-lhe o seu, o do Monte de Senhora².

E bastará sobre este assumpto.

Certa na parte baixa da villa era a existencia d'um *sacrum* dedicado ás Nymphas, porque não crêmos que viesse de fôra a ára que o menciona, apparecida ha poucos annos n'uma casa fronteira á antiga porta de S. Bento. A inscripção da ára diz:

VRBANVS
PROCRY
SIDE
NYMPHIS
EX VOTO
POSVI

Urbanus Procryside Nymphis ex voto posui. (Eu) Urbano

¹ Hoje Praça da Oliveira.

² *Memorias*, pag. 253.

Procrisyde (consagrei este monumento) às Nymphas, por voto (que lhes fiz).

As nymphas estavam, como se sabe, relacionadas principalmente com as aguas (rios, fontes, etc.). Supposto a nossa inscripção seja romana, não ha razão alguma para acreditar que o culto das fontes, do qual se trata aqui sem duvida, fosse introduzido entre nós pelos Romanos. Ha mesmo muitas razões para affirmar o contrario, e até para estabelecer que a mythologia romana era essencialmente a mesma que a dos nossos antepassados. O que succedia muitas vezes era ser o nome das divindades indigenas substituido pelo d'uma divindade romana, que tinha com aquella identidade ou analogia de funcções, e é o que provavelmente succedeu no nosso caso.

O christianismo correu com estas, como com as outras deidades pagãs, mas não são poucas as nymphas que ainda hoje infestam muitas fontes, di-farçadas em mouras, e, se algumas fontes santas nos revelassem os seus segredos, talvez ficassem sabendo que foram aquellas filhas de Jupiter as primeiras a descobrir as suas virtudes miraculosas.

Argote falla-nos d'uma outra inscripção romana, que existiria na loja d'uma casa, cujo proprietario nomeia, mas do qual ninguem pôde averiguar a descendencia, para se orientar na busca d'este monumento. É possível que venha a apparecer por um acaso tão feliz, como o que trouxe a descoberta do antecedente.

Quando, ha poucos annos ainda, a camara mandou construir o cano central da rua do Valle de Donas, appareceu na escavação, para ser logo sumida na obra da alvenaria, «uma pedra com letras». Só quando o mal era irreparavel é que me chegou a noticia aos ouvidos. Não sei se a inscripção era antiga ou não. Em todo o caso, e sempre com a esperanza nos acasos, consigno o factó, acrescentando que a pedra deve estar na secção do encanamento, fronteira á casa do snr. José Minotes.

Aqui está o pouco que pude apurar *intra muros*¹. Direi agora o que apurei fóra d'elles.

¹ Já depois de escripto este artigo, encontrei na viella do Campo Santo, n'um monte de entulho, que de certo veio d'alguma propriedade proxima, um pequeno machado de pedra.

*

A pouca distancia do Castello e na vertente oriental do que devia chamar-se d'antes Monte da Senhora, está a quinta de Gorpilhães, pertencente ainda á freguezia da Oliveira. Ha seis annos, deram-me a noticia de ter apparecido alli um « forno », e ainda fui a tempo de examinar o achado e de salvar o que valia a pena de ser salvo. N'um dos campos da quinta ha uma grossa veia de terra argillosa, muito procurada pelos oleiros da Cruz da Pedra, e foi ao fazer a extracção d'esta terra que a enxada bateu na parede do supposto forno, despertando a curiosidade dos trabalhadores e incitando-os a levar a escavação até pôrem tudo a descoberto. Abriram assim uma cova da profundidade d'uns tres metros por cinco ou seis de largo, e aqui está o que appareceu : o fundo d'uma grande vasilha e em cima d'elle a andadeira d'um moinho de mão ; um grande pedaço do bojo d'uma vasilha ainda maior, que julgavam ser parte d'um forno ; uma moeda romana quasi indecifrável ; duas pequenas pedras de amolar, uma com a gravura de espinha de peixe ; um seixo rollado que serviu de polidor ; muitos fragmentos de telha com rebordo. O bojo da vasilha tem alguns signaes, sendo o mais notavel uma cruz terminada nas quatro extremidades por outros tantos circulos.

No córte da escavação conhecia-se que todas estas antigualhas estavam abaixo da camada vegetal e que esta assentava sobre um delgado lastro de terra requeimada. Escusado será advertir que o achado se compõe de rebotalhos, que qualquer alluvião ou o nivelamento do campo se encarregaram de esconder, e que d'estes restos apenas se infere que viveu por aqui gente romanizada, o que não é novidade nenhuma. Para adiantar alguma coisa mais, seria necessario fazer uma exploração methodica no terreno proximo, e talvez não fosse ella infructifera, porque affirma o caseiro haver logo adiante da cova, na direcção do sul, uma parede soterrada na extensão de mais de quinze passos, e a poucos palmos da superficie do sólo. Tambem no mesmo campo foi encontrada, haverá uns trinta annos, uma « caixota » de palmo em quadro, formada por tres pequenas pedras, e portanto aberta d'um lado, tendo por tampa uma telha do rebordo. Dentro estava acamada uma porção de moedas que pesariam um arratel. Parte d'ellas foi parar ás mãos d'um ourives ; outra parte está hoje no Museu da Sociedade, por obsequio da sua possui-

dora, a exc.^{ma} snr.^a D. Maria Cardoso, da casa do Bringel. São pequenas moedas muito oxydadas e pouco decifráveis.

*

Vamos agora percorrer as freguezias que cercam Guimarães, e que são, começando na Penha e dando volta pelo norte, Santa Marinha da Costa, Mesão Frio, Aldão, Azurei, Santa Eulalia de Fermentões ¹, Creixomil e Urgeses ².

A freguezia da Costa fica na vertente occidental da Penha, e já ahí mencionei diferentes antigualhas, certamente relacionadas com o castro do cimo da serra. Falta-me apontar uma bouça e umas leirapas, perto do Senhor dos Serodios, onde vi alguns pedaços de telha com rebordo.

A Santa Marinha da Costa segue-se a freguezia de Mesão Frio, que comprehende uma parte do Monte Largo. Ahí recolhi as seguintes noticias. Pelas immediações da cruz da Argola ³ foi descoberto, ha coisa de quarenta annos, um poço redondo, de cinco palmos de diametro, pouco profundo e formado de pedra até á altura de palmo e meio. Continha alguns carvões. O achador não fez caso do carvão; e, quando mais tarde cahiu em si e tornou lá, para o arrecadar, viu-lhe o sitio. Outro mais esperto tinha-lhe tomado a dianteira. O meu informador accentuava as ultimas particularidades, para me fazer comprehender que os carvões eram ouro encantado. Trata-se provavelmente d'um poço funerario, como não faltam nem no nosso paiz, nem no estrangeiro; mas, além do da cruz da Argola e dos de S. Paio de Vizella ⁴, ainda não tive noticia d'outros no nosso concelho. Nunca pude saber ao certo onde elle ficava.

A descoberta d'um outro thesouro por estes logares, e este devia ainda ser maior, foi apenas conhecida pelo facto seguinte: uma grande escavação, feita de fresco n'um ponto do monte, despertou a curiosidade d'um visinho e em seguida a de

¹ Má orthographia, se o nome vem de *foro* e *montanos*. Advertirei que deixo para mais tarde a descripção das antigualhas d'esta freguezia. Menciono-a aqui simplesmente por ella metter uma nesga entre Azurei e Creixomil.

² Nos antigos documentos Colgeses!

³ Cruz d'Algosta escreve Torquato.

⁴ Aparecidos muito depois do artigo, em que me occupei d'esta freguezia. Fallarei d'elles em outro logar.

toda a gente dos logarejos proximos, desde que se apurou que ninguem se declarava auctor da obra. O mysterio foi decifrado, logo que um dos preopinantes se lembrou de ter visto, ao cair da tarde antecedente, e precisamente perto do sitio da escavação, um desconhecido sentado n'uma pedra e tendo ao pé de si uma burra. Não havia que duvidar: o estrangeiro conhecia o escondrijo do thesouro, e tal era elle, que carregava uma cavalgadura. Esta historieta conta-se de muitas partes, ás vezes com accrescimo de burras, mas applica-se sempre a um sitio celebre por qualquer tradição mourisca.

Ainda n'outro ponto do Monte Largo se fez, não ha muito, segundo o mesmo informador, uma outra escavação; mas essa não rendeu senão algumas «panellas e umas balanças», que ninguem me soube dizer onde param.

A Mesão Frio segue-se a freguezia de S. Mamede de Aldão e pertence-lhe ainda, salvo o erro, o sitio do Boquinho, na Brinquinha, entre o muro da quinta de Aldão e a antiga estrada de S. Torquato, um pouco abaixo da capella da Madre de Deus de Fóra. Pois no Boquinho ha tambem um thesouro encantado, junto d'um penedo, que se não pôde confundir com os seus visinhos, porque tem para o lado do sul uma face plana, onde estão abertas a cinzel tres cavidades quadrangulares, d'um palmo de largo e palmo e meio de alto e pouco mais de duas pollegadas de fundo. O espaço entre as cavidades será de oito palmos. Todas ellas estão em linha e distarão um metro da raiz do penedo. O meu guia conjecturava que estes nichos serviriam para pousar allí as «almuntarias» (almotolias); e, se eu tivesse o mau costume de contrariar as opiniões dos meus *cicerones*, por mais esquipaticas que ellas sejam, d'esta vez deixava-me d'isso, por só ter a oppôr-lhe uma conjectura um pouco parecida com a sua. As cavidades não podiam ter sido abertas para firmeza de traviteis que formassem o tecto d'uma habitação, porque já disse que entre ellas e a raiz do penedo não ha mais que um metro. Para receber algumas vasilhas funerarias? Quando chegar á «Pedra da Moura», de S. Martinho de Candoso, e fallar dos nichos, que tambem ahi se encontram, terei de confessar que só esta solução me namora. Aqui, é verdade, os nichos, além de maiores, ficam quasi na base do penedo; no Boquinho a meia altura d'elle; mas grande parte do penedo podia ter estado soterrada, como succedeu com o de Candoso, e por isso a objecção não tem grande força.

E aqui está por que a idéa dos nichos para as almotolias me

não pareceu tão estrambolica e como podia parecer a outro qualquer.

Os cyprianistas têm vindo por mais d'uma vez escavar no Boquinho, e os ultimos ainda ha poucos annos. Estes encontraram apenas de notavel alguns fragmentos de telha romana, que levaram, dizia o meu informador, para provarem que não é falsa a voz que promette thesouros mouriscos n'este logar. Não dizem que estão verdes, mas que estão fundos. Fragmentos de telha ainda vi alguns, poucos.

*

O tracto montuoso que vai da capella da Madre de Deus de Fóra até á da Senhora da Luz descreve quasi um quarto de circulo na direcção de norte a poente, e tem n'elle terrenos as frequezias de Azurei, Fermentões e Creixomil. Vamos seguir esta linha, em procura das antigualhas que possam interessar-nos, percorrendo a encosta que vira para Guimarães. Talvez não valha muito a pena fallar da «Lapa da mulher» que fica no monte de S. Pedro propriamente dito. No emtanto o seu nome e o seu aspecto não promettem pouco. É um grupo de tres penedos, o maior dos quaes pousa sobre dois outros por uma das extremidades na altura de mais d'um metro, formando um vão triangular, porque a outra extremidade se enterra no sólo. Este vão podia ter sido aproveitado para uma crypta funeraria, e a denominação de «Lapa da mulher» não desfavorece muito esta conjectura; mas não ha, que eu saiba, tradição nenhuma, a que possamos apegar-nos, e n'este caso é mais prudente passar adiante.

Não longe da Lapa vêem-se dois monticulos de entulho com cacos de louça e algum fragmento de telha romana, que não sei o que possam ser, duvidando que uma escavação nos esclarecesse.

Que por alli viveram mouros prova-se pelo factó seguinte: um sujeito que passeava por aquelles sitios deu-lhe para correr atraz d'um sardão, e julgando poder apanhal-o no escondrijo onde elle se metteu, que era uma pedra de tamanho mediano, ergueu-a, e em vez do sardão encontrou um menino de ouro.

Fragmentos de telha com rebordo apparecem a cada passo e n'uma larga área, principalmente nos campos que ficam a nascente da igreja parochial. Mesmo no caminho, que pela Bornaria vai ao cruzeiro de S. Pedro, alguns apparecem, por

exemplo, no lugar da Pegáda. O nome de Pegáda despertou-me uma curiosidade legitima, como o leitor comprehenderá, se ainda se lembra do que escrevi a proposito de S. Jorge de Vizella, e é natural que tratasse de a satisfazer; mas os vizinhos que interroguei responderam-me que não havia por alli pegáda nenhuma. A resposta não era satisfatoria. Podia ter desaparecido a lage, onde esteve a pegáda e ter sobrevivido a sua historia. Continuei o meu inquerito n'este sentido e encontrei por fim um informador, que, depois de ruminar um momento a pergunta, exclamou, como raptado por uma inspiração subita: «Ah! é porque o padre, quando chegava á Pegáda, dizia—eu d'aquí não passo, eu d'aquí não passo!» Para aclarar a estranha lenda, interroguei uma mulher idosa do sitio, que me negou a existencia de tal lenda; e, oppondo-lhe eu a auctoridade do meu expositor, cujos signaes lhe dei, pôz-se a rir e explicou-me pelo claro a razão por que o homem tinha inspirações subitas. Tambem me pareceu que elle não bebia sómente agua da fonte; mas, attendendo a que o nome de pegáda não era invenção sua, fiquei em duvida se apenas estropiaria uma tradição, que a mulher ignorava.

*

Desde o cruzeiro de S. Pedro até á Athougua não é raro deparar com fragmentos de telha romana e fragmentos de louça antiga, mas lisa e difficil de classificar. Nada mais tenho visto digno de menção. Algumas moedas antigas desenterradas, ha poucos annos, na quinta do Pombal, e que se duvidava se seriam romanas, são muito portuguezas, como pude verificar, examinando algumas que me deram. Appareceram junto d'um penedo, na parte d'uma bouça de mato terraplenada artificialmente, mas sem signaes alguns que nos orientem ácerca do fim que se teve em vista com aquelle trabalho. Coisa parecida se nota na vertente occidental do monte de S. Pedro, na direcção da «Lapa da mulher». Ahi descobri tambem uma moeda portugueza muito safada e diversos cacos de louça antiga, mas lisa.

Cacos de louça da mesma especie, e em muito maior quantidade, achei-os na costa do môrro da Athougua, descendo para as Pedras Alveiras, e logo junto dos muros do cemiterio. Quando se terraplenou o cimo do môrro, para fazer o assento do cemiterio, foi encontrada uma vasilha antiga, ou mais, diz-se; mas certeza d'isso nunca a pude ter; e o certo é que, se

alguma coisa appareceu, levou logo o sumiço do costume. Telha romana não a encontrei aqui, nem d'aqui até á Senhora da Luz, o que não quer dizer que a não haja. Voltemos porém atraz para apontar os sitios, onde a vi. Encontrei-a logo adiante da cruz de S. Pedro, na secção do caminho, limitada ao nascente pela parede da quinta do Rato, e tanto no caminho, como na bouça que sobe para o sêrro do monte. Encontrei-a na altura da quinta da Amorosa, tanto no caminho de carro, que leva á Conceição, como no travesso, que d'este caminho corta para ponte pelas faldas do alto da Boa Vista. Quasi logo no principio do travesso vêem-se uns monticulos de entulho, maiores que os das visinhanças da « Lapa da mulher », e onde não falta telha romana de mistura com cacos vulgares. Creio que tambem aqui uma escavação nada adiantaria. Emfim, na costa oriental do monte, que se estende desde a Conceição até á Athouguia, encontrei aqui e alli fragmentos da eterna telha romana.

*

Da Athouguia por diante já disse que a não vi. Vamos porém encontral-a e em abundancia em volta da igreja de Creixomil. E alguma coisa mais; nada menos que uma inscripção romana n'uma lapide, que está embutida na parede da igreja, á direita da porta travessa do poente. Diz :

IVLIAE
AVITAE
NIGRI
SEMPRO

Adiante do ultimo nome havia espaço para mais letras, o que me convence de que o gravador não quiz insculpir senão o que lá está. Por isso leio: *Semprão* (e não Sempronio) consagrou este monumento a *Julia Avita*, filha de *Nigro*. A inscripção é de certo funeraria.

O meu amigo, Francisco Antonio da Silveira, da casa dos Pombaes, hoje fallecido, contou-me que n'um campo a poente da igreja estavam soterrados uns capiteis de columnas, conforme uma noticia que lhe haviam communicado; mas nem as suas diligencias nem as minhas conseguiram nunca descobrir um informador, que precisasse o sitio, onde poderiam ser procurados.

*

Temos andado em volta de Guimarães. Para fechar o círculo, falta-nos percorrer a freguezia de Urgeses, que por um lado prende com Creixomil, por outro com a Costa, d'onde partimos. A matta de Villa Flôr já pertence a Urgeses. Ahi nada encontrei; seguindo porém para sul, desde o logar do Monte começa a apparecer telha romana em abundancia e ainda mais em volta da igreja. Afóra isso, nada que interesse ao nosso assumpto. Vendo entre a igreja e o logar do Monte um grande penedo, e por baixo d'elle uma cova com terra revolvida de fresco, tive algumas esperanças de apanhar alguma nova lenda mourisca, que já me ia fazendo falta, e muito mais quando um visinho, que interroguei, me disse chamar-se o monolitho « Penedo da Velha ». O meu desapontamento foi completo. No entender do meu informador, a velha era a raposa, *porque* sobre o penedo se hasteava a bandeira, annunciando a batida do astuto animal pela costa da Penha, pertencente á freguezia. A terra da cova não estava revolvida pelos maniacos que farejam thesouros, mas pelos cães que farejaram algum coelho. A primeira parte da explicação pareceu-me mais que esdruxula; a verdade é porém que, se alguma outra tradição mais curiosa andou algum dia ligada ao penedo, deve considerar-se perdida.

Guimarães, 13-1-96.

F. MARTINS SARMENTO.